TEXTO PARA DISCUSSÃO

2267

Brasília, janeiro de 2017

SUMÁRIO EXECUTIVO

# DEMOCRACIA RACIAL E HOMICÍDIOS DE JOVENS NEGROS NA CIDADE PARTIDA

**Daniel Cerqueira**
Pesquisador da Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest) do Ipea

**Danilo Santa Cruz Coelho**
Pesquisador da Diest do Ipea

No Brasil, considerando proporcionalmente as subpopulações por raça/cor, a cada sete pessoas assassinadas, cinco são afrodescendentes. Neste trabalho investigamos as razões desse viés de letalidade.

Em primeiro lugar, argumentamos contra a ideia de que exista democracia racial no país, que nega a existência de racismo e que conclui que a maior taxa de letalidade de negros decorre inteiramente como consequência do seu pior posicionamento socioeconômico.

Em nossa análise, arguimos que o racismo afeta a taxa de mortes violentas de afrodescendentes por três canais, sendo dois indiretos e um direto. Indiretamente, enquanto políticas e práticas educacionais discriminatórias somadas à discriminação no mercado de trabalho contribuem para explicar parcialmente a sobrerrepresentação dos afrodescendentes nos estratos inferiores de renda, verificamos que, para além da questão econômica, a cor da pele influencia diretamente a probabilidade de um indivíduo negro sofrer homicídio. Possíveis mecanismos que exemplificariam o canal direto seriam o racismo institucional das polícias e a exposição midiática diferenciada sobre a morte violenta de brancos e negros.

Além da discussão teórica supramencionada, objetivamos neste texto analisar empiricamente se a cor do indivíduo importa para influenciar as chances de o mesmo sofrer homicídio. Para empreender o exercício, produzimos uma amostra probabilística com dois estratos, sendo um deles o conjunto de homens que foram a óbito no Rio de Janeiro em 2010 e o outro estrato composto das informações dos homens residentes no Rio de Janeiro, segundo a amostra do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) de 2010. Com tais informações, estimamos um modelo do tipo *logit*, em que, para lidar com o problema de variáveis omitidas, utilizamos informação da escolaridade do indivíduo, local de residência, além de idade, e estado civil. Considerando todos os controles socioeconômicos, encontramos que o indivíduo negro possui 23,5% a mais de chances de sofrer homicídio no Rio de Janeiro que um indivíduo não negro, o que nos parece uma evidência do racismo que mata. Uma questão que nos chamou a atenção e que nos remete a reflexões futuras diz respeito às diferenças de letalidade entre adolescentes (14 a 17 anos) negros e não negros. Enquanto as chances dos últimos morrerem violentamente é 74,6% menor do que os adultos não negros, os adolescentes negros possuem as mesmas chances de sofrerem homicídio, em relação aos adultos negros.

Para tornar mais substantivos os resultados, com base nas estimativas obtidas fizemos dois cenários contrafactuais. No primeiro, procuramos responder qual seria a taxa de homicídio na cidade caso a população afrodescendente possuísse a mesma probabilidade de sofrer homicídio da população não negra (controlado por outras características). No segundo cenário, conjuntamente à primeira hipótese, consideramos ainda a situação em que todos os indivíduos com até sete anos de estudo tivessem a mesma taxa de letalidade daqueles que ingressaram no ensino médio. Enquanto no primeiro cenário haveria uma diminuição de 12,9% da taxa de homicídio, no segundo cenário essa queda seria de 19,8%, sendo que os dois efeitos conjuntos responderiam por uma queda de 30,2% na taxa de homicídio.

Verificamos ainda que o Rio de Janeiro é uma cidade partida, não apenas entre regiões ricas e pobres, mas ainda dentro das regiões, que poderiam ser assemelhadas a um país imaginário "Belduras", em que um grupo de residentes possui taxas de vitimização equivalente à de um belga, ao passo que outro grupo possui chances de sofrer homicídio iguais à de um hondurenho. De fato, nós estimamos que, em média, as pessoas que se encontram no grupo dos 10% com maiores chances de sofrer morte violenta têm probabilidade 62,1 vezes maior do que a média

das pessoas contidas no grupo dos 10% com menores chances de vitimização fatal.

Como conclusão geral, se é verdade que as profundas desigualdades sociais existentes no país estão por trás de muitos dos nossos dramas (como as cidades partidas; as diferenças de letalidade entre pobres e ricos; e entre negros e não negros), por outro lado, a questão social não esgota a explicação das gritantes diferenças de vitimização violenta que acometem mais a população afrodescendente, que refletem, em parte, o racismo ainda prevalente no Brasil.

SUMÁRIO EXECUTIVO